



CARTA DE NATAL - 2023

A caminho

“Divinamente reunidas!” – murmuramos, muitas vezes!

E se voltássemos a ter esta certeza: todas nós, uma a uma, chamadas pelo nome, ouvimos um dia esta confirmação: “Você é minha filha muito amada, em quem ponho minha afeição”. O fato de não nos termos escolhido mutuamente deve sempre reposicionar essa verdade no centro da nossa reflexão.

Pela mesma razão, não podemos considerar cada uma de nós como “uma aventureira de Deus”, que, sozinha, proclama a boa nova e cura o mundo inteiro. O nosso testemunho, para ser verdadeiro, precisa da comunidade. Sobretudo, uma comunidade que nunca chegará a ser aquela que idealizamos – nem pelo seu número, nem por suas características, nem mesmo pela diversidade das inserções que enriquecem as partilhas – pelo contrário: não muito “rigorosa”, um pouco “dispersa”, ou muito exigente, invasiva e, para terminar, até mesmo sufocante!

De fato, a vida fraterna, vivida concretamente, no cotidiano, é o que nós menos escolhemos. Mas ela é a pedra de toque dos votos – estes, sim, foram escolhidos. A vida fraterna em comum torna os votos possíveis e os legítimos.

Aliás, em nossas constituições, ela vem antes mesmo dos votos! O Evangelho, a espiritualidade agostiniana e a Igreja afirmam a prioridade da vida fraterna: *“Viver como irmãos e irmãs é a vocação universal de toda criatura”* (Papa Francisco).

Um teólogo acrescenta: “Os votos declaram mais concretamente a liberdade de nos abirmos ao outro, para alcançarmos o sentido da nossa identidade”.

Portanto, não tenhamos medo de reconhecer que a vida fraterna não é, naturalmente, perfeita: desde as primeiras páginas, a Bíblia nos apresenta casos de ciúmes tóxicos que prejudicam os relacionamentos, levando por vezes à morte... E hoje, ainda, continuamos escrevendo a Bíblia. Não, a vida fraterna não é um abrigo seguro, nem tampouco um lugar de glória: ela é, muito mais, a revelação de nós mesmas e das coisas que gostaríamos de manter em segredo. Como se a sua principal função fosse nos provar e nos colocar no cadinho, para nos levar ao fogo do fundidor. Como se a imagem que nos esforçamos por transmitir aos outros pouco importasse. É masoquismo, então, a vida fraterna? A verdade é que, muitas vezes, ela exige sacrifícios!

Efetivamente, o que ela nos faz vislumbrar? Como um vitral que deixa passar o raio de luz, ela diz que o horizonte não é o momento presente, mas que o presente é uma etapa fundamental para chegar até ele. Desde a Encarnação, sabemos que devemos renunciar a qualquer mística angelical: uma lei nos rege – a da vida fraterna comum – contudo, antes e depois dessa lei, está o amor.

“Toda a lei é precedida por um ‘És amado, és amada’ e seguida por um ‘Tu amarás’. ‘Tu és amado, tu és amada’: constitui o fundamento da lei; ‘Amarás’: é o que lhe dá cumprimento.

Quem exclui da lei esse fundamento amará o contrário da vida e terá a lei como fundamento da vida, em vez de fundamentar a lei sobre a vida recebida. Assim deturpada, a lei é uma rede – e quanto mais finas forem as suas malhas, mais ela se tornará asfixiante e mortífera. Nela, a dureza não é tão nociva quanto a finura das malhas. Ela se junta ao ídolo como seu pior avatar. Aquilo que a trai, entretanto – já que, para que nos salvemos, é um fato que ela se trai – é o prazer de acusar, no qual essa forma de observar a lei nos precipita, necessariamente. É desse ponto de impacto que trata o Evangelho”. (Paul Beauchamp) ¹

A vida fraterna vivida em comum é o alicerce sobre o qual vivemos nossos votos sem nos iludirmos.

Nossos votos

- Pobreza

“Bem-aventurados os pobres!” Bem-aventuradas sejam nossas pobreza, nossas fragilidades, nossas fraquezas: elas já têm o seu lugar no Reino. “Porque

¹ De uma montanha a outra – Ed. Seuil 199, p.109

o Reino é daqueles que se lhes assemelham!” – daqueles que não os escondem por medo de perderem a credibilidade.

É preciso tempo para chegar a essa pobreza: o tempo durante o qual a nossa rigidez vai cedendo e não disfarça mais nossa vulnerabilidade ou os sofrimentos; o tempo para aprender a “deixar de se enganar com historietas”, mas reler a nossa história real e descobrir nela os passos de Deus ao nosso lado. Presença paciente e tranquila do Único que nos acompanha a cada dia e até o fim do mundo.

Se Deus nos escolheu como somos, vulneráveis, por que razão procurar uma outra armadura?

Entretanto, esse voto de pobreza que professamos comporta ainda outra dimensão. É a gratuidade. Isso é o que vivemos em cada Eucaristia: “Para além do critério utilitário, uma relação preveniente e gratuita se torna disponível, como princípio de cada palavra e de cada gesto. É por isso que a Eucaristia é essencial. É a origem e o destino².”

- **Castidade-Celibato consagrado**

Caminho difícil! Entre a sexualidade pecaminosa e o recalque salvador, a crise dos abusos nos coloca perante o paradoxo da vida e, particularmente, da vida que escolhemos: ser sexuada e casta; ser sexuada e dedicada ao celibato.

Não se trata de viver conforme o fantasma de uma pureza virginal, nem de idolatrar uma vida original “sem mancha” à qual deveríamos retornar. A religiosa não é uma “esposa de Cristo” desencarnada³.

Ser sexuada será sempre privar-se de alguma coisa e ser casta será sempre recusar apropriar-se do outro como se isso pudesse preencher essa lacuna. Não apenas fisicamente, mas também mentalmente, isto é, recusar o domínio.

No entanto, o que caracteriza a vida religiosa não é simplesmente a castidade – essa é uma faculdade de qualquer ser humano – mas o fato de professar a castidade no celibato consagrado. É privar-se de algo e ser consagrada a Deus e aos outros na castidade e no celibato.

² Teólogo anônimo, citado por A. Riccardi em “A Igreja queima” Le Cerf 2022, p. 251

³ A renúncia não significa condenação. Recordemos a genealogia de Jesus: Tamar, Raabe, Betsabéia, Rute... A vida – e a vida em abundância, pois ela leva a Cristo – passa pela sexualidade: “Deus salva” em nossa própria ambivalência.

Escolher privar-se de algo para se manter na presença de Deus, e caminhar com Ele. Escolher privar-se de algo para também se manter na presença da outra pessoa, e com ela caminhar.

Não fugir, mas deixar-se tocar, como Ele.

Dar foco constante aos relacionamentos é, sem dúvida, a melhor forma de acabar com a violência humana que coloca em risco o projeto criador de bênçãos. Isso nos custa, por vezes nos fere, mas é assim que fazemos a nossa parte, para darmos um rosto humano a este mundo: honrando a imagem de Deus, que habita em cada indivíduo.

- **Obediência**

“E quando eu for levantado da terra, atrairei todos os homens a mim” (Jo 12,32). O Senhor está trabalhando. Ele trabalha sempre: “O Senhor não retarda o cumprimento de sua promessa”, diz Pedro.

E se a obediência consistisse em considerar todas as coisas por este ângulo: ser – permanecer – com Ele, trabalhar ao Seu lado, colocar a mão naquilo que Ele nos confia.

Não é tão simples assim! Se ouvirmos somente o nosso coração, começamos por nos lançarmos às águas, como Pedro – mesmo que nos arrependamos depois - esquecendo que o ativismo, ainda que movido pela generosidade, não é obediência. A ação de Deus não consiste em nos apressar, mas em nos atrair. A cada pessoa cabe descobrir o que poderá ser feito para “ajudá-Lo”, como diz Etty Hillesum⁴, mas jamais para O substituir.

Ao comemorar o seu jubileu de 50 anos, uma amiga me disse: “Levei anos para descobrir plenamente que ser religiosa é ser discípula de Cristo e não apenas ser uma ativista de causas e valores múltiplos, sem dúvida excelentes, mas insuficientes. Precisei aceitar algumas restrições, para passar a amar como

⁴ “Uma vida interrompida” – Ed. Seuil, p. 175.

Jovem judia, de 27 anos, vivia em Amsterdã. Escreveu um diário de 1941 a 1943, durante o domínio de Hitler na Europa. Em setembro de 1943, na véspera de ser presa e deportada para o campo de Auschwitz, onde viria a falecer dois meses depois, escreveu: “Prece da manhã de domingo. Esta noite, pela primeira vez, fiquei acordada, no escuro, com os olhos abertos e a arder, enquanto muitas imagens do sofrimento humano desfilavam à minha frente. Vou prometer-te uma coisa, Deus, só uma coisa muito pequena: não irei sobrecarregar o dia de hoje com todas essas preocupações com relação ao futuro, mas isso exige um certo treino. Neste momento, a cada dia já basta o seu sofrimento. Vou ajudar-te, Deus, a não me abandonares, embora eu nada possa garantir com antecedência. No entanto, em cada batida do meu coração, percebo, cada vez mais, (...) que nós é que devemos te ajudar e defender, até o fim, a morada que te abriga dentro de nós”.

Deus. Deus por vezes reverte caminhos que nos parecem ser os melhores, mas que não correspondem exatamente ao Evangelho. Assim, dia após dia, aprendi a me tornar discípula”.

“Vai ao teu íntimo”, é o que Santo Agostinho certa vez compreendeu, ao confessar: “Eu estava fora de mim”.

Tornar-se você mesma, assumindo um *eu* “não colonizado por outras pessoas que dele fizeram um estrangeiro a si mesmo”⁵, um *eu* que eliminou os obstáculos ao amor por si mesmo⁶, tal é o caminho de liberdade que escolhemos. ao professarmos votos de pobreza, de castidade e de obediência. Três renúncias a falsos deuses, três preferências pelo Deus verdadeiro.

Nesse caminho, duas mulheres nos precedem e nos acompanham: Maria e Alix. É grande a semelhança entre elas:

- Pela sobriedade das palavras que delas nos ficaram: cinco palavras de Maria e “A relação” de Alix, “Filha de um grande silêncio”.
- Pela perseverança na fé de ambas: após a Anunciação, Maria rapidamente se põe a caminho e assume todas as etapas seguintes, sem saber o que virá.

Não é menos impressionante o que Alix experimenta no seu íntimo mais profundo: *“Muitas vezes estou completamente árida, sem devoção, sinto a mente obscurecida, cheia de pensamentos confusos... Nesses momentos, recorro muito ao salmo ‘De Profundis’, porque, do mais profundo da minha pequenez e do meu nada, elevo a minha voz, em clamor ao Deus de majestade e de grandeza incompreensíveis”*. (Rel.34)

- Essa proximidade entre elas ainda se confirma na visão de Alix: Maria lhe entrega o Menino Jesus e, como Maria, ela O recebe, também, para fazê-Lo crescer.

Às vésperas do ano de 2024, que para nós será centrado na Formação Inicial com a sessão de Formandas e o J³, convém recordar que as características da vida religiosa não consistem em números, nem resultados, mas no seu “profetismo”.

⁵ Marie Balmay: Psicologia e vida espiritual – Christus hors-série nº 276, novembro de 2022

⁶ “Se alguém se odiar, arrisca-se a detestar tudo o que existe” Maurice Bellet: ibid

Profetismo no cotidiano da vida fraterna e comunitária: é onde surge o discernimento do chamado que o Espírito hoje nos faz⁷, é onde a nossa vida se torna um sinal. Peçamos esta graça do cotidiano!

Feliz Natal!

Com todo o meu afeto fraterno,

Irmã Cécile Marion, cnd-csa
Superiora Geral

⁷ “A prática da conversa espiritual devia ser o modo habitual do diálogo (...) para preparar o discernimento em comum que desejamos adotar como regra habitual para a tomada de decisão na vida-missão (...) (A. Soza – Prática do discernimento comum (prefácio) – Ed. Lessius 2022